



CORÍNTIOS PARA VOCÊ!

EXPOSIÇÃO DA CARTA AOS CORÍNTIOS

2º CARTA

AULA II: Capítulo 2 e 3

Prof. Eliel Queres Santana

INTRODUÇÃO

Na aula passada vimos que o apóstolo Paulo realizou uma “visita dolorosa” e redigiu uma “carta severa” aos coríntios. No capítulo 2 podemos observar qual foi a reação da igreja após essas duas ações de Paulo: Tristeza, para os dois lados. Paulo diz que não os visitaria com esse clima de tristeza novamente (v.1 e 2). Justamente por isso, ele redigiu a “carta severa” ao invés de realizar outra “visita dolorosa”, como explica no versículo 3. O objetivo da carta, como ele diz no versículo 4, era de mostrar o quanto os amava. Ou seja, a “carta severa” também era uma carta de amor. A intenção de Paulo não era humilhá-los e machucá-los, mas corrigi-los e levá-los ao arrependimento. William Barclay diz que Paulo não os reprovou para causar dor, mas para restaurar a alegria. Esse é o verdadeiro significado de disciplina e a verdadeira atitude de um líder que precisa corrigir seu rebanho.

LIBERANDO PERDÃO AO TRANSGRESSOR

No versículo 5 Paulo fala mais especificamente sobre o caso que lhe causou problemas em Corinto. Um homem publicamente fez oposição ao ministério do apóstolo. Foi uma afronta pública, que atingiu diretamente a sua imagem. Muitos comentaristas dizem que esse homem rebelde foi o mesmo de 1 Coríntios 5, o membro incestuoso que Paulo mandou a igreja expulsar. A sua atitude magoou o apóstolo e toda a igreja. Mas, pelo que parece, a igreja atendeu ao conselho de Paulo e o expulsou. Porque no versículo 6 diz que a maioria se opôs a ele. Ele já havia sido punido, e agora, já era hora de fazê-lo voltar a comunidade e perdoá-lo, como Paulo destaca no versículo 7, dizendo que ele deveria ser perdoado e confortado. **Isso nos traz importantes lições de como a Igreja deve lidar com o pecado.** Em primeiro lugar, ele não pode **ser tolerado. O pecador que não se arrepende deve ser afastado, pois não pode haver comunhão entre luz e trevas.** Porém, quando tal pecador se arrepende, **não pode ser alvo de acusações e julgamentos, pelo contrário, deve ser acolhido, e amado,** como diz no versículo 8. Neste versículo Paulo pede para que eles confirmem o seu amor por ele. A palavra usada para “confirmar” ou “reafirmar” é *"kuroo"*, que traz a conotação de “fazer válido”, “confirmar publicamente”, “ratificar”. Segundo Hernandes Dias Lopes, era “um ato formal a ser executado pela congregação.” Eles deveriam amá-lo.

“O amor não joga no rosto daqueles que caíram as suas fraquezas. O amor não faz registro permanente dos fracassos. O amor vira as páginas do passado e escreve um novo capítulo cheio de doçura. O amor corre ao encontro daquele que volta arrependido e lhe coloca uma

túnica nova, sandálias nos pés e anel no dedo. O amor celebra a volta dos pródigos à casa do Pai.” (LOPES, 2008, p. 48).

Frank Carver diz que o objetivo da punição não era vingança, mas a restauração. Quando Paulo manda a igreja exortar o rebelde, faz isso em amor à igreja e ao rebelde. Se Paulo quisesse se vingar daquele homem, mandaria a igreja não recebê-lo de volta. Mas Paulo não estava tomado pela raiva e por ciúmes, não agiu como alguém rancoroso que não perdoa nunca um ofensor. Ele está imitando o próprio Cristo. Pois se Cristo ficasse rancoroso e não nos perdoasse todas as vezes que pecamos contra ele, o que seria de nós? Observe o que disse William Barclay sobre a conduta de Paulo nessa passagem:

“Em nenhum outro lugar a majestade do caráter de Paulo surge melhor que nesta ocasião, quando a benignidade de seu coração pede misericórdia para o homem que era seu inimigo. Paulo aqui é um exemplo supremo da conduta cristã quando fomos injuriados ou insultados.” (BARCLAY,

Novamente, enxergamos aquela máxima da aula passada: “O que recebemos de Deus devemos ao nosso próximo.” Paulo havia sido perdoado por Cristo, então também devia perdão ao seu ofensor. No versículo 10, ele mostra que essa ação deve ser coletiva. Sendo assim:

“A disciplina alcançou o propósito desejado, e o homem que praticara tal loucura e se insurgira contra Paulo, está, agora, quebrantado e arrependido.”(LOPES, 2008, p. 47).

FECHANDO AS BRECHAS

O versículo 11 é muito interessante pois nos mostra que quando a igreja falha em demonstrar amor e compaixão aceitando de volta o pecador, ela está dando brecha ao inimigo. Paulo fala sobre perdoar o transgressor para que “Satanás não alcance vantagem” sobre eles. A palavra usada é *pleonekteo* que traz uma conotação de “alcançar uma vantagem sobre alguém”, e “engano”.

“Satanás alcança vantagem sobre a igreja quando ela deixa de disciplinar os faltosos e quando fracassa em restaurar os arrependidos.” (LOPES, 2008, p. 49)

Segundo João Calvino, o cuidado a ser tomado é com uma “severidade farisaica” que pode tomar conta dos crentes ao punir o pecador ao invés de curá-lo. Como diz o ditado popular: “A diferença entre o remédio e o veneno é a dosagem.”

AS DORES E GLÓRIAS DO MINISTÉRIO CRISTÃO

Paulo relata no versículo 13 a sua angústia em Trôade, pois ali ele esperava receber de Tito as informações sobre a igreja de Corinto. Porém, ele não o encontrou neste local, e não podendo mais se conter, foi procurá-lo na Macedônia. Paulo estava pregando a Palavra em Trôade, mas não teve descanso em seu espírito, como relata no versículo 14, porque estava preocupado com os coríntios. Isso revela o quanto Paulo se importava com eles.

Mas, no versículo 14, Paulo demonstra todo o seu alívio ao perceber que as notícias que Tito trazia eram boas. Segundo William Barclay, foi um verdadeiro “grito de triunfo a Deus”. Ele diz que Deus nos conduz sempre “triunfantemente”. A palavra usada é *thriambeuoō*. Ao usar essa expressão Paulo tinha em mente os cortejos triunfais de Roma. Nessa época, quando o general romano voltava vitorioso de uma batalha, ele recebia uma grande celebração. Para Hernandes Dias Lopes, nesse contexto Paulo quis dizer que Deus é o grande conquistador, na figura do general, e nós somos aqueles que estamos na celebração juntamente com ele, como filhos do general.

O final do versículo 14 nos mostra uma verdade gloriosa. Pois através dos coríntios, Jesus estava sendo conhecido! Eles não estavam sendo más testemunhas, mas boas testemunhas de Cristo. Isso era alegria e regozijo para o apóstolo Paulo. E ele diz que eles exalam esse conhecimento de Cristo como um bom perfume.

O BOM PERFUME DE CRISTO

No versículo 15 e 16 o apóstolo mostra que nós somos o bom perfume de Cristo, que exala cheiro de vida para os que têm vida e cheiro de morte para os que esperam a morte. A referência histórica também está ligada com o cortejo triunfante de um general em Roma. Quando um general vencida a batalha era celebrado por todo o povo. Os inimigos que foram capturados em batalha também eram expostos nas ruas, como troféus. Porém, os que estavam posicionados à frente do cortejo eram prisioneiros que voltariam à cidade que fora conquistada, para ali trabalharem para o Império Romano. Estes levavam consigo um incenso perfumado. Porém, atrás deles, acorrentados pelos pés e mãos viam outra leva de

prisioneiros, que inevitavelmente seriam mortos. O aroma para os prisioneiros da frente simbolizava vida, o mesmo aroma, porém, para os de trás significava morte.

“Para o general vitorioso e seus soldados, bem como para as multidões que aplaudiam dando as boas-vindas, o perfume estaria associado à alegria da vitória. Contudo, para os prisioneiros de guerra tal perfume só poderia estar associado à fatalidade da escravidão ou morte que os aguardava. De modo semelhante, a pregação do evangelho seria aroma de vida para os que crêem, mas cheiro de morte para os que se recusam a obedecer.” (LOPES, 2008, p. 65).

Através da pregação do Evangelho exalamos o conhecimento de Deus. A palavra que Paulo usa é *osmé*, que significa fragrância, aroma agradável.

COMBATENDO OS FALSOS CRISTÃOS

Paulo começa a combater os falsos apóstolos, no versículo 17. E argumenta que eles estão fazendo da pregação do Evangelho uma mercadoria. Segundo o apóstolo, eles estão “mercadejando” a Palavra de Deus. A palavra usada por Paulo que é traduzida para “mercadejando” é *kapeléuo* que significa “mascatear” ou “lucrar com um negócio”. A palavra também pode ser usada no sentido de “adulteração”. Fato é que no meio dos irmãos de Corinto haviam falsos cristãos, lobos vestidos de ovelhas que queriam se aproveitar de sua gordura. Paulo, porém, pregava a Palavra com *eilikrinia*, que significa “pureza” e “sinceridade”.

Esses falsos apóstolos apareciam em Corinto portando “cartas de recomendação.” Segundo William Barclay este era um costume no mundo antigo. Quando alguém se dirigia a uma comunidade desconhecida, mas era enviado por alguém conhecido desta comunidade, dava-lhe cartas de recomendação para apresentá-lo e mostrar que era alguém confiável. Estas cartas eram necessárias nas igrejas, pois haviam muitos enganadores. Segundo um escritor pagão chamado Luciano “qualquer enganador podia fazer uma fortuna com os simples cristãos, devido ao fato de que podia enganá-los facilmente.” Para Barclay, esses falsos cristãos eram emissários judeus que tinham ido destruir o trabalho de Paulo em Corinto. Eles carregavam cartas do Sinédrio para terem credibilidade entre eles. Aparentemente, isso se tornou em uma queixa ou acusação contra Paulo, e no início do capítulo 3 ele se defende dizendo:

“Será que estamos começando a nos recomendar outra vez? Somos como aqueles que precisam entregar-lhes ou pedir-lhes cartas de recomendação? Vocês mesmos são nossa carta, escrita em nosso coração, para ser conhecida e lida por todos!” Sem dúvida, vocês são uma carta de Cristo, que mostra os resultados de nosso trabalho em seu meio escrita não com pena e tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, e gravada não em tábuas de pedra, mas em corações humanos. (2 Coríntios 3:1-3, NVT)

Paulo quis dizer que eles próprios, frutos de seu trabalho, já eram testemunho vivo de seu trabalho no Senhor. A Palavra do Senhor diz que pelos frutos conhecemos a árvore (Mt. 7:16). Os coríntios eram cartas de Cristo, que testificavam a pregação da Palavra de Paulo no meio deles. Nesse tempo, o cânon do Novo Testamento não estava formado, mas os crentes já eram a bíblia que o mundo podia ler. Essa carta não era escrita com tinta, mais que isso era escrita pelo próprio Espírito. Não era escrita em tábuas, mas no coração. Segundo William Barclay, Platão havia dito que o bom professor não escreve sua mensagem com tinta que em breve se apagaria, e nem mesmo com palavras que poderiam ser esquecidas. Mas, um professor sábio encontra um discípulo e semeia a mensagem em seu coração. Ele escreve sua mensagem nos homens. E foi isso que Jesus fez. Foi o que fez também com os coríntios, escrevendo sua mensagem à eles, em seu coração, através de seu discípulo Paulo. Paulo, que era discípulo, foi e fez mais discípulos (Mt. 28:19). A certeza de Paulo sobre os coríntios era por causa de Cristo, pois acredita que quem o capacitou para realizar a obra foi o próprio Deus (v. 4 e 5).

Segundo W. W. Wiersbe esses falsos cristãos que faziam comércio da fé eram judaizantes, que frisavam a observância da lei para a salvação pessoal. Paulo combate eles mostrando que a teologia deles estava errada. Por isso, começa a mostrar como que a nova aliança é superior à antiga.

A NOVA ALIANÇA

A antiga aliança consistia em “um código de leis escrito em tábuas de pedra, fora de nós” (LOPES, 2008, p. 79). A nova aliança, porém, é a lei de Deus escrita diretamente em nós, em nosso coração. A antiga aliança trata de nos mostrar o que temos que fazer para Deus, enquanto a nova nos mostra que Deus fez tudo por nós. Ele põe seus mandamentos em nosso coração e nos dá a capacidade de obedecer. O homem não era capaz de obedecer a antiga aliança, nem de ser salvo por ela, pois ela exige perfeita obediência e condena o

culpado à morte. Por esse motivo, ninguém se salva pela lei, ela só pode gerar morte. Por isso Paulo diz: “A letra mata, mas o espírito vivifica.”, no versículo 6.

Agora, a partir do versículo 7, Paulo começa a mostrar como é mais elevada e gloriosa a nova aliança do que a antiga. Primeiramente, podemos observar a palavra que Paulo usa, ainda no versículo 6, para “nova”, que é *kainos*, que se refere a algo novo e em melhor qualidade. Deus já ministrava sobre essa nova aliança no coração dos profetas: Jr. 31:33 e Ez 11:19. Paulo relembra a glória que veio sobre Moisés, que falou com Deus face a face, e por isso, seu rosto brilhava. Ele teve que cobrir o seu rosto entre o povo, porque causava a eles medo e não conseguiam suportar aquela glória (Êx. 34). Mas, começa a partir daí a argumentar sobre a nova aliança ser superior em glória. No versículo 8 ele pergunta: “Acaso não deveríamos esperar uma glória muito maior no novo sistema, que se baseia na obra do Espírito?” (NVT). No versículo 9 ele expõe a diferença notória entre os sistemas, o primeiro nos condena diante de Deus, enquanto que o segundo nos torna justos diante dele: “Se o antigo sistema, que traz condenação, era glorioso, muito mais glorioso é o novo sistema, que nos torna justos diante de Deus.” (NVT). Agora, finalizando seu argumento ele declara, no versículo 10 que “a glória do passado não era nada gloriosa em comparação com a glória magnífica de agora” (NVT). No versículo 11, ele arremata a questão mostrando que a glória do antigo sistema desvanecia enquanto a do novo sistema permanece para sempre. Por que ela é transitória? Porque serviu para nos conduzir a Cristo. O brilho no rosto de Moisés se apagou, porém, o brilho no rosto de Cristo permanece para sempre. Hernandes Dias Lopes diz que:

“A lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé (Gl 3.24). O fim da lei é Cristo (Rm 10.4). A lei aponta o pecado, mas não o remove. A lei é como uma lanterna. Ela clareia o caminho, mas não tira os obstáculos do caminho. A lei é como um prumo, que identifica a sinuosidade de uma parede, mas não a endireita. A lei é como um raio X que detecta um tumor, mas não o remove.” (LOPES, 2008, p. 82)